

O encontro de Jean-Paul Sartre e Charles Baudelaire

Profa. Mestre Neide Coelho Boëchat¹ (PUC-SP)

Resumo:

Este trabalho apóia-se em uma obra escrita por Jean-Paul Sartre em 1947, quando ele desenvolvia sua proposta de uma psicanálise existencial. Trata-se, portanto da aplicação de um método através do qual o filósofo acreditava poder alcançar a compreensão do projeto original que um indivíduo elabora para si mesmo, ou seja, da escolha original que sintetiza a totalidade do existente, tornando-se, portanto, tal escolha, o centro de referências de uma infinidade de significações polivalentes.

Palavras-chave: consciência, existência, liberdade, necessidade, responsabilidade

Introdução

De fato trata-se aqui de um encontro. Um encontro que se deu em 1947 e cuja realização ficou registrada numa obra que traz no título o nome do seu investigado: *Baudelaire*. Sartre escreve essa obra no momento em que tentava colocar em prática os princípios de sua teoria relacionados à possibilidade de construção de uma psicanálise existencial. Com efeito, tal psicanálise se configurava para ele, apenas como uma possibilidade, pois como afirmava o próprio filósofo, “tal psicanálise ainda não havia encontrado o seu Freud”. E acrescentava – seguro de sua possibilidade: “para mim basta que ela seja possível” (Sartre, *L’être et le néant*. p. 620).

Assim, Sartre propõe-se a investigar a biografia de Baudelaire na busca de desvendar o projeto original do poeta, pois é exatamente a partir da iluminação do projeto original de um indivíduo que, segundo Sartre, a psicanálise poderia alcançar os móveis e os motivos que fundamentam as escolhas humanas. A questão então seria a seguinte: de que forma a investigação de uma biografia nos daria os elementos necessários ao desvelamento desse projeto? Em primeiro lugar, a resposta vem sustentada pela premissa colocada por Freud e assimilada pelo nosso filósofo, segundo a qual, qualquer ato ou comportamento humano é sempre simbólico, ou seja, é sempre a manifestação empírica de uma estrutura mais profunda que, para Freud, estaria localizada numa instância inconsciente do aparelho psíquico, mas que, de acordo com Sartre, relacionava-se à escolha singular que cada indivíduo faz de si mesmo e que se manifesta em cada uma de suas escolhas empíricas realizadas na imediatez de suas vivências cotidianas. Dessa forma, ele conclui que se o homem é de fato um todo, esse todo deve expressar-se inteiramente em qualquer de suas condutas, por mais insignificantes que elas possam parecer.

Nesse caso, desvendar o projeto original de Baudelaire significa tentar alcançar pela compreensão ontológica que todos nós sempre temos das múltiplas condutas humanas, as condutas específicas desenvolvidas por Baudelaire ao longo de sua existência. Assim sendo, Sartre faz um minucioso levantamento das condutas do poeta apoiando-se num método por ele denominado progressivo-regressivo, pelo qual, poderiam ser focalizadas, simultaneamente, as determinações gerais das condições materiais que circunscrevem a existência do indivíduo e as formas subjetivas por ele livremente escolhidas para vivenciar tais determinações.

1 Aspectos reveladores da existência do poeta

Iluminando sob esse foco a existência de Baudelaire, Sartre constata em um primeiro momento as falhas e contradições evidenciadas de forma objetiva em seu comportamento: Baudelaire era **perverso**, mas adotava rigorosamente os mais banais princípios morais estabelecidos pela sociedade; era **refinado**, mas freqüentava as mais miceráveis prostitutas; era **esforçado**, mas incapaz de manter por muito tempo um trabalho de forma regular; era **solitário**, mas apresentava-se sempre acompanhado; **sonhava com viagens**, mas a única viagem que realizou foi uma empresa sofrida. Partindo, pois de alguns dados objetivos como esses, Sartre retoma a origem e a infância do poeta

Baudelaire nasceu no ano de 1821, originário de uma família burguesa cuja configuração se traduzia pelas referências próprias e características que emolduravam o quadro vida privada no início do século XIX. Tinha apenas seis anos quando seu pai faleceu e, a partir daí, formou com a mãe um forte e indissolúvel vínculo afetivo. Sartre aponta o caráter **sagrado** dessa união: “ (...) a mãe é um ídolo, o filho é **consagrado** pela afeição que ela lhe dedica: longe de se sentir uma existência errante, vaga e supérflua, ele se percebe como **filho de direito divino**”(Sartre, *Baudelaire*. p. 18)

Um ano após a morte do pai, a mãe casa-se novamente e Baudelaire é colocado em um pensonato. Esse fato ocupa um espaço capital na vida do poeta. Absorvido pela unidade religiosa que mantinha com a mãe, Baudelaire fez dessa mãe um ser necessário, e a fusão com ela mantida era a garantia de sua existência. A partir desse momento, se instala a **ruptura** que, segundo Sartre, tornou-se um fato insistentemente comentado pelos comentadores de sua obra. De fato, não houve aqui um momento de transição: o rompimento se deu de forma brusca. O que o filósofo pretende ressaltar é que, no caso de Baudelaire esse fato não significa apenas uma rejeição, um abandono ou simplesmente uma separação. Para ele essa ruptura vem acompanhada pela perda do elemento que justificava sua existência, elemento este que fazia da dualidade mãe-filho uma unidade; a dualidade era, portanto vivida na unidade. Com a perda dessa garantia Baudelaire, de fato, tornou-se um: singular, único e solitário.

No vai-vem de seu método **progressivo regressivo**, Sartre aponta que a forma escolhida por Baudelaire para vivenciar essa solidão se dá no interior de uma ambigüidade: se por um lado ele faz dessa solidão um destino que lhe é imposto de fora, por outro, a forma por ele escolhida para expressar o aspecto passivo dessa condição é a cólera: é numa cólera ativa que ele reconhece e significa como um em-si passivo e inerte a fatalidade de sua condenação a uma vida solitária: Baudelaire, em sua liberdade, escolheu a solidão como uma forma definitiva de afirmar a sua singularidade. Cito Sartre:

Tocamos aqui, na escolha original que Baudelaire fez de si mesmo (...). Abandonado, rejeitado, Baudelaire quis retomar por sua conta o seu isolamento. Ele reivindicou sua solidão para que ela lhe viesse ao menos dele mesmo, para não ter que a ela se submeter. Ele provou que *era um outro* pelo brusco descobrimento de sua existência individual (...) ele se sente e quer se sentir único até o extremo (...) único até o terror. (Idem *Ibidem*. p.20)

O reconhecimento de sua alteridade se dá na humilhação, no rancor e na escolha heróica e vingativa do abstrato, Baudelaire constitui com isso o seu orgulho. Trata-se, contudo, de um orgulho fundamentado no vazio que se alimenta de si mesmo. Não há nesse orgulho a sustentação de um sucesso ou o reconhecimento de alguma superioridade: sua única fonte é a forma vazia e universal da alteridade. Ele se faz diferente, único e singular. E essa sua singularidade alcança uma tal profundidade que faz dele um ser voltado inteiramente para si mesmo, isto é, ele constrói um espelho narcísico que impede a imediatez de sua consciência e aponta incessantemente seu ser-objeto. Voltado sobre si mesmo, Baudelaire tenta obstinadamente estabelecer uma dualidade que

lhe permita ver-se como um outro, e sua consciência assim observada, perde sua espontaneidade. Sartre observa, por exemplo, que Baudelaire não vê o mar; ele se vê vendo o mar. De fato, podemos evidenciar a manifestação dessa sua escolha nos versos que compõem **O homem e o mar**:

Homme libre, toujours tu chériras la mer.

La mer est ton miroir; tu contemples ton âme

Dans le déroulement infini de sa lame,

Et ton esprit n'est pas un gouffre moins amer¹

(BAUDELAIRE, C. *Les fleurs du mal*, Estocolmo, Jan Förlag, 1944. p. 28).

Assim, a consciência de Baudelaire é sempre refletida; “ele vê suas mãos e seus braços porque o olho é distinto da mão: mas o olho não pode ver-se a si mesmo, ele se sente, ele se vive” (Sartre, *Ibidem*. p.26). Baudelaire faz-se um outro para si mesmo. Segundo Sartre, encontra-se aí o grande drama de baudelairiano: “ele quer ser dois” (*idem, ibidem*) e ser dois significa para o poeta ser o produtor e a testemunha de sua própria dor. É o que ele afirma no poema *L'Héautontimorouménos*:

Je suis la plaie et le couteau! (...)

Et la victime et le bourreau!² (*idem, ibidem*. p.174).

Contudo, todo esse esforço, empreendido na posse de si mesmo termina em fracasso pois, em sua extrema lucidez, Baudelaire tem a intuição de ser **um objeto olhado** que ele mesmo, narcisicamente, contempla. Mas, ao mesmo tempo intui também a impossibilidade de apossar-se da própria imagem. Tudo o que ele encontra nessa contemplação são as formas universais da condição humana que ele reconhece no orgulho, na lucidez e no tédio que advém da gratuidade e da injustificabilidade de sua própria existência.

Através da profunda análise fenomenológica empreendida sobre as condutas baudelairianas no interior desse quadro problemático, Sartre identifica então a escolha original do poeta: Baudelaire, ao tentar constituir-se como um ser olhado, um ser-objeto, o que ele pretende é alcançar uma essência fixa, ou seja, ele tenta fazer-se coisa, ser uma transcendência transcendida; em suma, ser de má-fé.

Vale lembrar que para Sartre a má-fé se constitui como um recurso desenvolvido pela consciência humana, ao tentar fugir da angústia que acompanha sua responsabilidade diante das escolhas por ela empreendidas em nome de sua absoluta e necessária liberdade; uma liberdade da qual ela não pode fugir, portanto, uma liberdade a qual está condenada. Sartre identifica a má-fé como uma mentira sem mentiroso. A diferença que se estabelece entre a má-fé e a mentira é que na mentira

¹ - Homem livre, hás de estar sempre aos pés do mar

O mar é teu espelho; tu contemplas tua alma

No infinito desenvolvimento de tuas ondas

E teu espírito não é um abismo menos amargo

Apraz-te mergulhar no fundo em tua imagem

² - Eu sou o corte e a faca! (..)

E a vítima e o carrasco.

estão envolvidas duas consciências: a consciência do enganador e a consciência do enganado. Na má-fé tudo recai sobre a mesma consciência: o que temos é o indivíduo enganando-se a si mesmo.

Assim sendo, na ambigüidade de sua má-fé, Baudelaire apresenta uma natureza contraditória. Por um lado, ele empreende um esforço de recuperação na busca tornar-se coisa, pois só como coisa ele poderia satisfazer o desejo de possuir-se. Além disso, o estatuto de coisa, lhe permitiria escapar da angústia trazida pela liberdade que permanentemente o assombrava, exigindo-lhe o reconhecimento de seu papel de agente e de criador de seus próprios valores, ou seja, na confortável condição de coisa ele poderia aceitar na passividade os valores impostos pela sociedade e pela religião, cuja moral católica lhe havia sido transmitida pela família. Vivendo, portanto, a condição de coisa Baudelaire consegue recuperar-se como filho de direito divino e ter novamente sua existência justificada. Com efeito, a escolha de fazer-se coisa aplaca a angústia da responsabilidade e alivia sua solidão mas, ao mesmo tempo, coloca em risco a sua liberdade; mais ainda coloca em questão o orgulho de ser o criador de si mesmo. Aniquilado como criador, Baudelaire não pode satisfazer a necessidade imposta por sua escolha original de ser o construtor de sua própria imagem, não pode mais sustentar o exercício de criar sua imagem para outro, o que significa uma perda de controle de sua própria criação. Ou seja, em sua escolha Baudelaire pretende ver-se como os outros o vêem e quer que os outros o vejam como ele próprio se vê. Assim sendo, seu lado lúcido que sustentava seu orgulho de criador só se viabilizaria sob a vigência da liberdade, mas assumir sua liberdade implicaria o questionamento dos valores que justificariam sua existência.

Diante dessa situação conflitiva, Baudelaire constrói, então, uma existência dissimulada: não aceita os valores impostos pela família e pela sociedade, mas também não os rejeita. Pretende, portanto, manter sua liberdade mas com uma responsabilidade limitada, ou seja, ele deseja tornar-se uma liberdade-coisa. Contudo, a decisão de ser livre e ser coisa implica uma oscilação entre dois pólos distintos. Esse é o momento em que a escolha se impõe a todos os homens de forma necessária - ser livre ou ser coisa: eis questão fundamental que rege a realidade humana. A escolha é necessária. Mas Baudelaire não optou por um nem por outro lado. Baudelaire não escolheu, ou melhor, ele optou pela não-escolha - o que já é, de fato, uma escolha - mas trata-se de uma escolha pela má-fé. Optando, portanto, “por mascarar sua gratuidade e limitar sua responsabilidade, aceitando os fins pré-estabelecidos da teocracia, só lhe resta um caminho em sua liberdade: escolher o mal” (Sartre, *ibidem*. p. 66).

Sartre aponta que a decisão baudelaيرية da escolha pelo mal é feita reflexivamente. Isto é, ele não escolhe o mal pelo mal; ele escolhe o mal exatamente porque é mal e não porque esse mal seja um bem para ele. Nessa dialética entre o bem e o mal, o poeta reafirma o seu projeto de má-fé: para ter o mal como escolha, ele precisa manter o bem. De fato, isso transparece em sua vocação poética. A poesia de Baudelaire é um repúdio aos valores morais preservados pela sociedade, mas é também uma homenagem a esses valores e uma forma de mantê-los, pois eles lhe são indispensáveis. Sartre observa que ...

sobriedade, castidade, trabalho, caridade, são palavras que retornam constantemente sob sua pena. Mas elas não têm um conteúdo positivo (...). Elas representam simplesmente uma série de defesas rigorosas e estritamente negativas; sobriedade: não tomar excitantes; castidade: não retornar às acolhedoras jovens cujos endereços figuram em sua caderneta; trabalho: não deixar para amanhã o que pode ser feito hoje; caridade: não se irritar, não agredir, não se desinteressar do outro. Ele reconhece ter a noção do dever, isto é, ele visa a vida moral sob o aspecto de um constrangimento, de um freio imposto a uma boca insubmissa. (Idem, *Ibidem*. p.45)

Na verdade, Baudelaire precisa da vigência desses valores, mas precisa deles para poder negá-los e, sobretudo, para ser julgado como culpado pela sociedade que os legitimou. Ele se submete

aos julgamentos, aceita seus juizes e alia-se a seus carrascos. “Escreve à Imperatriz que havia sido tratado pela justiça com uma cortesia admirável” (Idem, Ibidem. p. 47) e coloca-se declaradamente contra todas as personalidades que lutavam pela liberdade e pelos direitos humanos em sua época, como por exemplo Vitor Hugo e George Sand.

Diante de tudo isso, uma questão, contudo se impõe: Por que Baudelaire se submete e não se revolta contra essa moral heterônoma que o condena que condena seus poemas que interdita seus escritos, concedendo-lhe a epígrafe de “poeta maldito”? Eis a conclusão do filósofo:

O ato criador não permite se divertir: aquele que cria se transporta durante o tempo da criação para além de sua singularidade, no céu puro da liberdade. Ele não é mais nada: ele faz. Sem dúvida ele constrói fora dele uma individualidade objetiva. Mas enquanto ele a trabalha, ela não se distingue dele mesmo (...). Baudelaire escreveu seus poemas para reencontrar neles sua imagem. Mas isso não o satisfazia: é na vida cotidiana que ele queria usufruir de sua alteridade. A grande liberdade criativa dos valores emerge do nada: ela o amedronta. A contingência, a injustificabilidade, a gratuidade, assediam sem respeito aquele que tenta fazer surgir no mundo uma realidade nova. Se ela é absolutamente nova, de fato, nada a reclama, ninguém a espera sobre a terra e ela permanece demais, como o seu autor (Idem, Ibidem. p.49).

2 A unidade pretendida: ser e existir

Vejamos agora alguns aspectos levantados por Sartre no encaminhamento progressivo de sua investigação

Em primeiro lugar, Sartre coloca em foco a relação de Baudelaire com a realidade natural. O poeta demonstra horror à natureza. A visão de uma paisagem muda, vaga e desordenadamente natural lhe causa simultaneamente pavor e tédio. O filósofo nos apresenta uma carta escrita à F. Desnoyers onde o poeta declara seu desprezo pela natureza:

Vós me pedis os versos para vosso pequeno volume, versos sobre a Natureza, não é? Sobre as florestas, os grandes carvalhos, a verdura, os insetos – o sol, sem dúvida? Mas vós sabeis muito bem que eu sou incapaz de me comover com os vegetais e que minha alma é rebelde a esta singular religião nova que terá sempre, me parece, para todo ser espiritual, eu não sei que *shocking*. Eu não acreditarei jamais que a alma dos Deuses habite as plantas e, mesmo que ela aí habitasse, eu me preocuparia mediocrementemente e consideraria a minha alma como um bem mais alto do que os legumes santificados (Idem, Ibidem. p.97)

Segundo Sartre, essa sua aversão pela natureza está enraizada no pavor que lhe causa a consciência de sua gratuidade, de sua contingência e de sua existência injustificada que ele tenta obstinadamente dissimular. O mundo das plantas, os legumes, os vegetais, a terra, ou água corrente de um rio, trazem em si uma espontaneidade e uma fluidez que lhe são insuportavelmente ameaçadoras. Especialmente a água - Sartre já o demonstrava em *L'Être et le néant* – pelo seu movimento e fluidez “é o símbolo da consciência” (Idem, *L'Être et le néant*. p. 656). E é exatamente dessa liberdade que fundamenta a espontaneidade de sua consciência que o poeta pretende fugir. O sentido de seu projeto tem uma direção oposta a essa imediaticidade própria do imprevisível. Baudelaire pretende a imobilidade e a inércia da coisa.

Com isso o poeta faz-se então inteiramente urbano. Cercado pelas luzes da cidade, por suas águas encanadas ou engarrafadas, pelas suas estruturas geométricas e previsíveis, pela utilidade

determinada de seus utensílios, Baudelaire alivia o desconforto causado pelo imprevisível e pelo improvável oferecido pela natureza, assegurando para si mesmo no interior daquele universo organizado e construído pelas mãos humanas, o sentido que ele precisava para sua existência. A cidade é, de fato, o lugar onde se reflete o trabalho do homem, ou seja, onde a presença da natureza transformada pelas marcas das mediações humanas, atinge hierarquicamente a condição de utensílio. Logo, ela perde a sua gratuidade e adquire uma existência de direito, ou melhor, ela se justifica: ela existe para o homem. Assim, contornado pelas formas concretas e determinadas da paisagem urbana, Baudelaire demonstra o seu conforto:

Esta cidade é contornada de água: diz-se que ela é construída em mármore e que o povo tem uma tal raiva do vegetal que ele arranca todas as árvores. Eis uma paisagem segundo(meu) gosto: uma paisagem feita com a luz e o mineral, e o líquido para refleti-los (BAUDELAIRE. *Anywhere out of the world*, in Sartre, *Baudelaire*. p.101).

Esse mesmo horror à natureza se reflete ainda na espontaneidade natural que atinge seu corpo e Baudelaire não quer ser natural; ele nega o que lhe é naturalmente dado sem justificativas: ele precisa controlar e construir a imagem pela qual será conhecido pelo outro. Ele estabelece então uma luta pela negação e pelo repúdio à estrutura necessária de sua própria contingência. Sartre assim esclarece esse repúdio do poeta pela espontaneidade do seu corpo:

a natureza em nós é o oposto do raro e do excelente, é todo mundo, fazer amor como todo mundo. Comer como todo mundo, dormir como todo mundo: Que insanidade! (Idem, *Ibidem*. p. 103)

A forma mais contundente da manifestação desse projeto de coisificação de Baudelaire se desvela, segundo Sartre, através de sua terrível frieza: é uma frieza que a tudo congela. Este aspecto surge como um corolário de sua recusa à exuberância da natureza: seu calor e sua umidade fértil trazem gratuitamente, em si mesmos, a proliferação da vida. Mas Baudelaire é precisamente a negação de tudo isso. Esse frio por ele criado nada mais é do que uma forma de afastá-lo dessa viscosidade ambígua que o ameaça com sua força e sua grandeza. Logo, o frio deverá ser suficientemente intenso para impedir que ele fizesse parte dessa totalidade.

Toda essa frieza se reflete ainda na sexualidade do poeta. Ele não conhece a fecundidade do desejo, nem o calor úmido de uma relação: logo, o único compromisso que ele se permite estabelecer é consigo mesmo. Com isso Baudelaire não só se faz estéril, mas confirma nessa escolha empírica a sua escolha original pela solidão.

Cito muito resumidamente alguns aspectos da descrição feita pelo filósofo:

O frio baudelairiano é um meio onde nem os espermatozóides, nem as bactérias, nem algum germe de vida pode subsistir; é, ao mesmo tempo, uma luz branca e um líquido transparente, muito próximo dos limbos da consciência (...). É a clareza da lua e o ar líquido, é a grande potência mineral que nos transita, o inverno, no pico das montanhas (...) Neste sentido o frio baudelairiano é impiedoso : ele gela tudo o que toca (Idem, *Ibidem*. p. 110).

Essa pequena descrição não corresponde, de fato, à ampla investigação empreendida por Sartre na tentativa de compreender a dimensão e o alcance dessa profunda frigidez. O frio de Baudelaire, desvela-se, com efeito, como um foco problematizador que acaba por alcançar as mais complexas situações vividas pelo poeta, prejudicando não só suas relações sexuais, mas todas as condutas permeadas pelo exercício de sua intersubjetividade. Esta foi certamente uma problemática que veio lhe causar enormes sofrimentos concedendo-lhe ainda a adjetivação pública do aspecto **trágico** de sua existência.

A profundidade de todo esse movimento progressivo da investigação sartriana termina com o levantamento do tão conhecido dandismo pelo qual o poeta se distinguia em sua vida social. Tal

conduta se desvela também como um prolongamento do seu anti-naturalismo, do sua procura pelo artificial e da sua intensa frigidez cujo congelamento garante-lhe a distância da umidade morna que envolve a natureza. Mas por que teria Baudelaire escolhido essa e não outra forma de escapar ao naturalismo e a espontaneidade da natureza?

Vejamos uma pequena observação do poeta:

Para aqueles que são ao mesmo tempo padres e vítimas, todas as condições materiais complicadas às quais se submetem, desde a *toilette* irreprovável a qualquer hora do dia e da noite até os momentos mais perigosos do esporte, não são nada mais do que uma ginástica própria para fortificar a vontade e a disciplina da alma (*L'art romantique*, in Sartre, *Baudelaire*. p. 124).

Por um lado, trata-se, sem dúvida de uma moral de esforço, ou seja, de uma tentativa de reforçar pela disciplina o freio necessário às - talvez possíveis - manifestações naturais e espontâneas de sua consciência ou, melhor ainda, trata-se de uma forma de manter sob controle a própria liberdade que o ameaça. Como suas demais escolhas, encontramos também aqui uma aproximação de Baudelaire com os princípios de uma moral estoica.

Mas há ainda um outro aspecto dessa conduta que precisa ser considerado. O dandismo por si mesmo é gratuito, superficial, inútil e inofensivo, mas se revela sob uma conduta cuja aparência se coloca em conformidade com os princípios de uma moral convencional. De fato, ele choca e desperta a atenção do outro, mas não transgredir as regras colocadas e impostas. Ao contrário, o dandismo traz a demonstração de um cuidado higiênico de si, um refinamento e uma elegância que colocam o indivíduo em total consonância com as expectativas de uma sociedade burguesa.

Entretanto, no interior de toda essa sua aparência impecável, Baudelaire conserva também uma dubiedade: por trás do seu sorriso gentil e elegante, sua voz traduz com ênfase toda a sua insolência, todo o seu ressentimento pela moral familiar e o seu absoluto desejo de transgredir os princípios e as regras sociais nas quais ele poderia ver dissolvida a sua existência. Logo, esse dandismo é ainda, além de tudo, um caminho pelo qual ele controla um perverso jogo entre o bem e o mal: pelo dandismo, ele se faz diferente, se faz **outro** que não os **outros**. Esses **outros** de quem ele pretende se distinguir são exatamente os poderosos juizes legisladores das regras que ele deseja transgredir, mas aos quais se submete na esperança de ser perdoado. A transgressão desejada nunca se completa; ela permanece dissimulada, no meio do caminho, nos limites do tradicional e, como suas demais escolhas essa também é abortada; não se realiza. Logo, o dandismo foi o modo de presença escolhido pelo poeta para revelar, sem escrúpulos e sem medo, de forma evidentemente marcante a toda sociedade a sua escolha mais original: fazer-se de má-fé, ou seja, a escolha pela existência lhe sendo insuportável, ele escolhe-se então como um existente que é.

Conclusão

Toda essa análise sartriana acerca da vida de Baudelaire vai muito além de uma simples biografia. Trata-se aqui da escolha que um certo homem fez de si mesmo, em um determinado momento da História. De fato não encontramos nessa investigação da vida do poeta a preocupação - que de uma forma geral se encontra em obras biográficas - com a documentação de datas ou com a genealogia do investigado. Não que tais dados não tenham sido levantados: certamente o foram, pois seriam indispensáveis à análise, mas não se constituem para Sartre como aquilo que ele pretende revelar ao leitor.

Baudelaire desponta aqui como um homem que viveu no fim do século XIX sob determinadas condições sociais e, sob esse foco, torna-se um ser universal. Mas Sartre não se detém aí. Os aspectos absolutamente particulares, individuais e irredutíveis são levantados de forma profundamente minuciosa e cuidadosa e, sob este outro foco Baudelaire desponta como um ser singular. De fato,

nesse empreendimento - assim como em toda a sua obra - o filósofo procura o universal-singular. O que o conduz, com efeito, a um incessante e simultâneo diálogo com Marx e Freud.

Essa obra surge, portanto, como mais uma de suas tentativas de alcançar uma resposta para a interrogação que o perseguiu durante toda a sua vida: “o que se pode saber de um homem hoje?”. É, pois com esse objetivo que Sartre ilumina a vida do poeta sob o foco de sua psicanálise existencial. O que significa mais especificamente procurar conhecer a escolha que esse homem fez de si mesmo. E como conclusão de sua investigação, o filósofo destaca um texto do poeta onde segundo ele Baudelaire se revela em sua totalidade:

É este admirável, este imortal instinto do Belo que nos faz considerar a Terra e seus espetáculos como um panorama, como uma correspondência do Céu. A sede insaciável de tudo o que está além e que revela a vida, é a prova mais viva de nossa imortalidade. É ao mesmo tempo pela poesia e através da poesia, pela e através da música, que a alma entrevê os esplendores situados atrás dos túmulos; e quando um poema escolhido traz as lágrimas à borda dos olhos, essas lágrimas não são a prova de um excesso de desfrute, elas são muito mais a testemunha de uma melancolia irritada, de uma postulação dos nervos, de uma natureza exilada no imperfeito e que gostaria de apoderar-se imediatamente, sobre esta terra mesma, de um paraíso revelado. Assim o princípio da poesia é estritamente e simplesmente aspiração humana em direção a uma Beleza superior e a manifestação deste princípio está em um entusiasmo, em uma elevação da alma; entusiasmo de fato independente da paixão, que é a embriaguez do coração, e da verdade que é o pasto da razão. Porque a paixão é coisa natural, muito natural para se introduzir em tua ferida, discordando no domínio da beleza pura; muito familiar e muito violenta para escandalizar os puros Desejos, as graciosas Melancolias, e os nobres Desesperos que habitam as regiões sobrenaturais da poesia. (Idem, Ibidem. p. 167)

Foi com esse Baudelaire, com esse **poeta maldito** que Sartre se encontrou em 1947.

Referências Bibliográficas

- [1] BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Estocolmo . Jan Förlag, 1944.
- [2] SARTRE, Jean-Paul. *Baudelaire*. Paris. Gallimard, 2000
- [3] _____ *L'Être et le néant*. Paris. Gallimard, 2001

Autora

¹ **Neide Coelho BOËCHAT, Profa. M.Sc.**

Doutoranda Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

neideboechat@hotmail.com